

ECOLOGIA INTEGRAL:

Ações e estratégias em consonância com a Encíclica Laudato Si'



PREFÁCIO

As Constituições da Ordem de Santo Agostinho, que são, depois do Evangelho e da Regra de Santo Agostinho, os princípios e leis norteadoras da Ordem Agostiniana, declaram:

Solícitos em nosso compromisso social, devemos escutar com atenção as preocupações da Igreja e da Sociedade, e colaborar na identificação e solução dos problemas que mais questionam as sociedades onde trabalhamos, a saber: a defesa da vida, os direitos humanos, a situação dos imigrantes, a dignidade da mulher, a tutela dos menores, a justiça e a paz, uma ordem econômica equitativa, a conservação da natureza, etc... (*Const. OSA 185*).

Em sua encíclica *Laudato Si'*, a Carta Magna da Ecologia Integral, o Papa Francisco afirma

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. (*Laudato Si'*, 2015, parágrafo 139)

Recentemente, o Capítulo Geral Ordinário 2019 (a suprema assembleia internacional dos agostinianos), reafirmou o compromisso de “promover a educação, reflexão e cuidado de nossa Casa Comum”, e, “para culminar nosso compromisso de trabalhar para soluções sustentáveis” na linha da exortação do Papa Francisco, entre outras coisas, decidiu propor, para o sexênio 2019-2025, uma séria reflexão e medidas concretas em todas as nossas comunidades, paróquias, universidades, centros educativos, obras sociais, missões e demais iniciativas que efetivem esse compromisso (*cf. CGO 2019, Proposta 31*).

Em consonância com as propostas educacionais da UNESCO para o milênio, nosso Projeto Político Pedagógico Pastoral entende que a “educação integral” está a serviço da “ecologia integral”, principalmente por meio da articulação

das dimensões crítico-transformadora e ecológico-cósmica, que, respectivamente, afirmam: “A realidade do mundo, com suas limitações e possibilidades, influencia-nos como pessoas. Conhecer a realidade para, com espírito crítico e construtivo, transformá-la é um desafio e uma tarefa de toda pessoa madura” e “educar para o respeito e a preservação da vida em todas as suas manifestações, fazendo com que a pessoa colabore, assim, para a diversidade e conservação de tudo o que está direta ou indiretamente ligado à vida e à natureza”.

Este Memorial pretende resgatar a história desse nosso compromisso, em que se destacam duas iniciativas que merecem nossa especial consideração: o GTEIA (Grupo de Trabalho, Envolvimento e Iniciativa Ambiental) e o ILALI (Centro Agostiniano em Ecologia Integral). Há muitas outras, no entanto. Sirva este registro dinâmico e interativo como reconhecimento, estímulo e compromisso em vista do autêntico “bem viver”, onde todos os seres são respeitados e encontram seu lugar, na perspectiva do “reinado de Deus”, anunciado e vivido por Jesus Cristo.

*Frei Luiz Antônio Pinheiro, OSA
Prior Provincial e Presidente da Sociedade
Inteligência e Coração (SIC)*



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
OBRAS SOCIAIS MANTIDAS PELA SIC	09
ATUANDO NOS MAIORES BIOMAS DO BRASIL: Amazônia e Cerrado	11
PLATAFORMA TERRÁQUEOS: informar, promover e mobilizar	18
A RESPOSTA RÁPIDA AO CHAMADO DA ENCÍCLICA LAUDATO SI'	27
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: refletindo propostas para implantar conceitos	29
GRUPO DE TRABALHO ENVOLVIMENTO E INICIATIVA AMBIENTAL: união de esforços para o bem comum	30
ATITUDES ECOLÓGICAS: SELO VERDE E CLASSIFICAÇÃO OURO!	37
SELO DE DIREITOS HUMANOS TAMBÉM É NOSSO!	40
FORMAÇÕES SOBRE ECOLOGIA INTEGRAL E ENCÍCLICA LAUDATO SI'	43
OLHAR COMPARTILHADO: publicações alcançam grande parte de Minas Gerais	45
CENTRO ILALI uma resposta que fortalece o cuidado com a Casa Comum	50
FORMAÇÃO SQUAD ECOLOGIA INTEGRAL	58
LEITURA COMPLEMENTAR	61



APRESENTAÇÃO

Ainda é recente a tomada de consciência da finitude do planeta e do estrago causado pela espécie humana. Os alertas se intensificam e chegam de todos os cantos. Papa Francisco, um dos maiores porta-vozes dessa denúncia, introduz a Encíclica *Laudato Si'*, dizendo: “a Terra, nossa mãe, clama contra o mal que lhe provocamos, por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou”, uma forma atualizada de dizer que “toda a criação geme e sofre, como em dores de parto”.

A irresponsabilidade tem deixado marcas profundas e essa constatação começa a ser sentida com mais intensidade na pele dos mais vulneráveis, percebida no ar, nos rios e oceanos, nas florestas, na extinção das espécies, na desertificação do solo, no aquecimento do planeta e em nossa saúde.

É preciso ver, reconhecer, tomar decisões e agir. É nesse contexto que várias iniciativas no âmbito da Província Agostiniana Nossa Senhora da Consolação do Brasil serão aqui narradas. Imbuídos do senso de urgência e atentos ao chamado do Papa Francisco, sabemos que as crianças e jovens que estão nas escolas e que serão os adultos de 2050 não irão comer, vestir, consumir, deslocar, trabalhar e viver como atualmente. Algo precisa mudar, e rápido.

De projetos pontuais, isolados, parte-se para a sistematização, registro e medições daquilo que vinha sendo feito. Hoje, a ecologia integral se configura como valor da Instituição, sendo o ano de 2020 o início do movimento de sistematização dos conteúdos e abordagens próprias da ecologia integral, no currículo formal.



A Encíclica do Papa Francisco Laudato Si' oferece conceitos que fundamentam as atitudes que se espera encontrar e procedimentos para se implementar. Além das orientações gerais e iluminadoras, **enxerga-se** conteúdo para a des-crição daquilo que compõe uma ética ecológica.

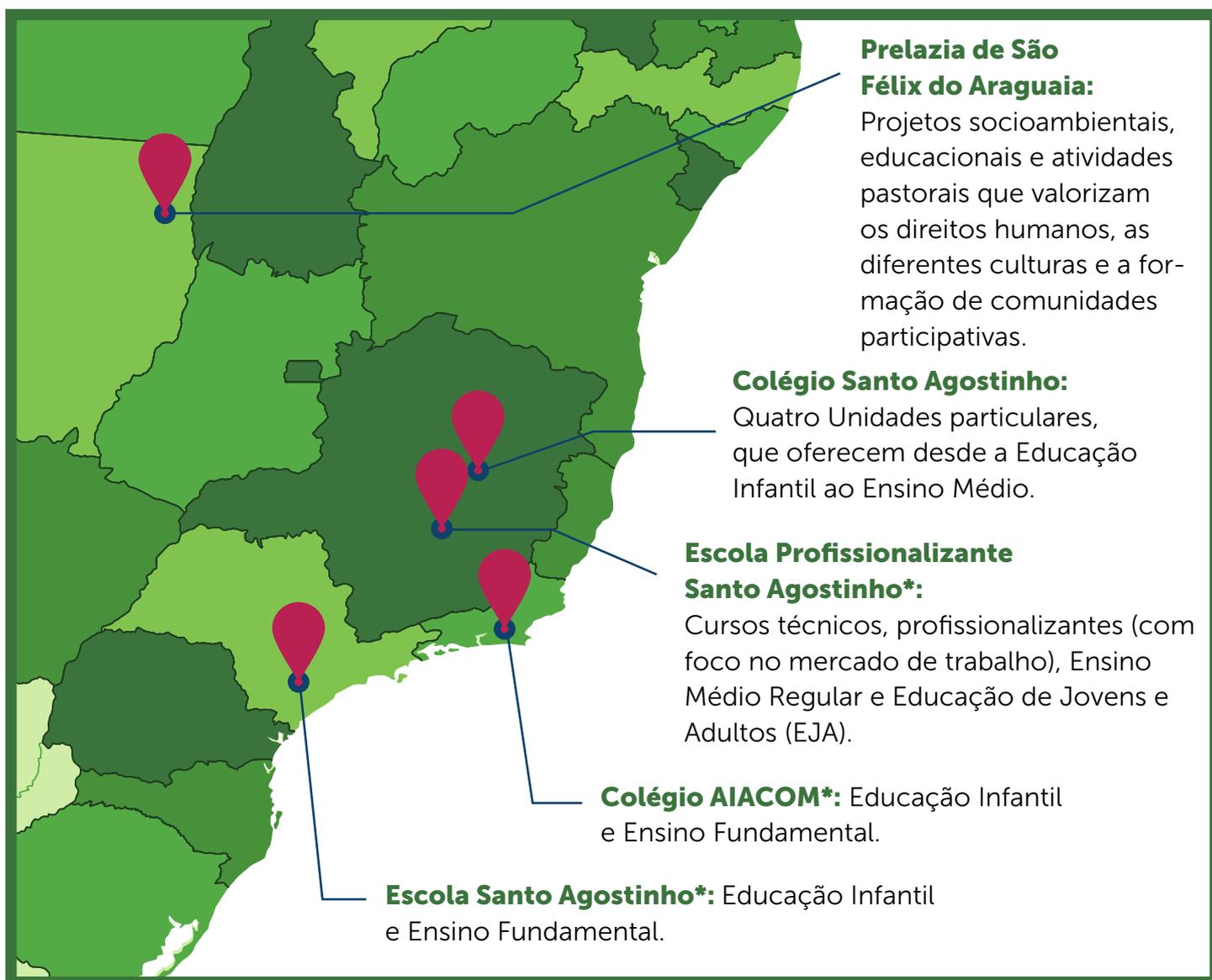
O material a seguir está organizado em ordem cronológica, o que permite ao leitor acompanhar o amadurecimento do processo de mudança da Instituição. Que a leitura desse material sirva de inspiração para quem ainda não se colocou a caminho e, para aqueles que já estão na caminhada, "andando e chorando enquanto semeiam", que possam se alegrar ao ver "os seus feixes".

Aleluia Heringer

Líder de Sustentabilidade da Sociedade Inteligência e Coração (SIC)

OBRAS SOCIAIS MANTIDAS PELA SIC

Mantenedora das Unidades do Colégio Santo Agostinho, em Minas Gerais, a Sociedade Inteligência e Coração - SIC oferece educação humana, de qualidade e gratuita no mesmo estado, além do Rio de Janeiro e de São Paulo. Por meio das Obras Sociais Agostinianas, milhares de realidades são transformadas, dialogando bem próximo com as comunidades ao redor. Também estamos presentes com a atuação social e religiosa em São Félix do Araguaia, no Mato Grosso.



*Em todas as Obras Sociais, os estudantes têm bolsa de estudos que contempla uniforme, material didático e refeição diária.

CAPÍTULO 1

EXPERIÊNCIAS EM SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA

ATUANDO NOS MAIORES BIOMAS DO BRASIL: Amazônia e Cerrado

Para viabilizar os projetos e ações que os agostinianos realizam nessas regiões, o apoio da Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora da Assunção (ANSA) - parceira da comunidade desde os anos 1980 - é extremamente importante. A entidade sem fins lucrativos luta, junto com a Ordem, contra a pobreza e as desigualdades em São Félix do Araguaia. Atuando em frentes diversas e com inúmeras atividades, o objetivo também é promover o desenvolvimento, a justiça social, econômica e ambiental na localidade.

Por lá, os agostinianos agem fortalecendo a fé da comunidade local, incentivando e proporcionando condições para o replantio de espécies nativas e garantia de sustento; fomentando o aproveitamento do que a terra oferece (frutas que dão origem a polpas para sucos) e geração de renda. Todas essas práticas podem ser acompanhadas na leitura a seguir.

É PRECISO ENFRENTAR A DEPREDÇÃO NATURAL

As queimadas são um dos maiores problemas ambientais do Araguaia. E na região que tem sua produção de matéria-prima resumida na criação de gado de corte e produção de soja, os incêndios são tradicionalmente usados para abertura de novas áreas e limpeza de pastos.



Essa prática, além de desmatar, libera gases tóxicos que intensificam o efeito estufa e causam problemas respiratórios na população. No Araguaia, existem mais de 3 milhões de cabeças de gado, o equivalente a 22 vacas por habitante. Com a diminuição das vegetações nativas e com as mudanças climáticas, é cada vez mais difícil controlar o fogo e seus efeitos.

Diante da situação de degradação ambiental, os religiosos da ordem promovem, incentivam e **apoiam concretamente os plantios** de árvores, arbustos, cipós e plantas do Cerrado e da Amazônia em terras que tenham sido queimadas e desmatadas. Nos últimos 10 anos, **290 famílias** recuperaram **696 hectares** de terra. Em um trabalho quase sempre manual, na enxada, foram plantadas 10.944 mudas de 34 espécies diferentes.

Os brotos de plantas nativas têm sido produzidos no viveiro que a Comunidade Agostiniana apoia em São Félix do Araguaia e levados até as famílias para que possam plantar, recuperar a vegetação de suas terras e garantirem parte de seu sustento.



O BEM COMUM NO CAMPO E NA CIDADE



Em meio à fartura da transição do Cerrado para a Amazônia, a região apresenta espécies nativas de frutas e o gosto popular por elas: são sabores únicos como a cagaita, a bacaba e a mangaba. E valorizar o uso das plantas e incentivar o plantio diversificado estão na base de trabalho da Araguaia Polpa de Frutas (foto) que produz polpas naturais congeladas de 20 tipos nativos e cultivados da região.

Anualmente, cerca de **250 pessoas entregam frutas para a cooperativa.** Em sua maioria, são agricultores periurbanos ou assentados. Para os agricultores periurbanos, é uma forma de complementar a renda familiar aproveitando as produções dos quintais e chácaras, e para os agricultores dos assentamentos se configura como uma alternativa real de diversificar o trabalho em suas terras.



CRÉDITO POPULAR SOLIDÁRIO

Também em São Félix do Araguaia, o trabalho dos agostinianos se completa com a iniciativa de microcrédito chamada Crédito Popular Solidário (CPS). Na cidade, é comum encontrar pequenos negócios informais anunciando serviços como manicure, costura, mecânica, etc. Eles respondem por parte importante da economia local, porém tem uma capacidade limitada para investir e crescer, sem condições de capital ou de acesso a crédito dos bancos tradicionais.

A principal diferença do microcrédito é que a garantia de empréstimo é a própria comunidade, por meio de uma relação de confiança entre os integrantes de um grupo solidário, o solicitante e o agente de crédito. Além disso, essa equipe se faz presente apoiando nos projetos e pagamentos, o que reafirma a verdadeira origem da palavra latina crédito, *credere*, com o sentido pleno de “acreditar”. Para ter acesso, a renda por pessoa na família deve ser de até um salário mínimo e um grupo solidário de 4 a 6 pessoas.





+ 2.500 contratos de empréstimos solidários.

Anualmente, esse microcrédito é oferecido para até 200 pessoas em São Félix do Araguaia e Alto Boa Vista, no Projeto de Assentamento (PA) Dom Pedro e em Pontinópolis.



CAPÍTULO 2

DA ESCOLA PARA A VIDA: FORMAÇÃO ECOLÓGICA COMO COMPROMISSO



PLATAFORMA TERRÁQUEOS:

informar, promover e mobilizar.

Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possa mudar o mundo. De fato, sempre foi assim que o mundo mudou.

Margaret Mead

Clique aqui e entenda o que é a Plataforma Terráqueos



A palavra *plataforma* remete a um lugar ou estrutura de apoio que possibilita a projeção e lançamento de objetos e pessoas. Já o termo *terráqueo* significa aquele que habita a Terra. Nessa perspectiva, de unir e impulsionar ações que fazem diferença para a vida no universo, a *Plataforma Terráqueos* foi criada em 2011, no Colégio Santo Agostinho - Contagem, atuando em três frentes interligadas: pessoas, planeta e animais.

Para os terráqueos, "o outro" extrapola o ser humano, expande a sua generosidade e amplia o seu olhar e cuidado para com todos os integrantes da Terra. A visão de educação da Plataforma enxerga a criança e o jovem de hoje e o adulto de amanhã como sujeitos que interferem, promovem e se posicionam em favor das ações que realizam o bem comum.

Ao ensaiar os seus primeiros passos em 2011, existia apenas uma certeza: o querer não era impressionar pelo discurso, mas a proposta precisava ser traduzida e vista por meio de ações concretas. A Plataforma tomou e vem tomando forma, à custa e na medida em que são respondidas as perguntas, os questionamentos e as provocações no enfrentamento da descrença e dos obstáculos.

Conheça ações da Plataforma Terráqueos desde 2011

"No início, foi difícil para todos entender que a Plataforma era uma estrutura capaz de dar proporção às boas ideias. Era o fim da sensação de 'gotinhas no oceano', porque nos mostrou a capacidade de mudar a nossa escola, o nosso bairro, a nossa cidade. É o diferencial crítico. Parar de olhar para o planeta e suas questões com distância é mostrar que temos tudo a ver com o que acontece, porque somos vivos, jovens e aptos. O suficiente para fazer a diferença. Essa é uma missão que nunca termina."

Pedro Lino, ex-aluno e participante da Plataforma Terráqueos, em entrevista a uma emissora de TV, no ano de 2012.



Formação na cidadania: envolvimento da comunidade escolar nos interesses da cidade

Nas eleições para prefeito de Contagem, Minas Gerais, de 2012 e 2016, foram realizados no Colégio debates (foto) com os seis candidatos ao governo da cidade. Os estudantes participaram da elaboração das perguntas e da organização do evento, o que reafirmou a escola como lugar de encontro e de formadores de opinião para decisão na hora do voto.



Debate entre candidatos à Prefeitura de Contagem (MG)

PELAS PESSOAS

Para contribuir com a Pastoral da Criança no Haiti, os estudantes conseguiram arrecadar mais de R\$33 mil em pequenas ações ao longo de 2012. Entre as atividades estão a venda de doces, o cofre que a cada semana foi para a casa de um aluno e doações diversas.



Alunos do 8º ano participam da Campanha Solidária em favor do Haiti

CAMPANHA DE DOAÇÃO DE BONECAS ÀS MULHERES E CRIANÇAS DO HAITI



Após o terremoto no Haiti, a Plataforma Terráqueos lançou uma campanha que arrecadou bonecas que foram enviadas à Pastoral da Criança no país, em 2012.

Mulher haitiana símbolo da campanha de arrecadação de bonecas

UM DIA SEM SAPATOS

Desde 2011, o Colégio Santo Agostinho - Contagem realiza o Um Dia Sem Sapatos. Durante a ação, é permitido ficar descalço, desde que seja feita uma doação. Os pés descalços são um símbolo de solidariedade com todos que não possuem bens e cuidados básicos.





Um Dia Sem Sapatos mobiliza toda a comunidade



Entrega de parte de doações do Um Dia Sem Sapatos para a Pastoral de Rua - 2013

APOIO AOS CATADORES DE RECICLÁVEIS

Dentro do conceito de escola em pastoral, a Plataforma Terráqueos ofereceu apoio aos catadores de papel que estavam sem contrato assinado com a Prefeitura de Contagem (MG). Sem pagar as contas do galpão onde trabalham, eles corriam risco de despejo.



Obrigado, por tudo,
por estar do nosso lado,
quando precisamos de coisas
que os filhos do Lenhar. ocupam
o resto dos que se foram!

A direção do Colégio Santo
Espírito, sempre muito atenta.
Gratidão a/ Apoio que sempre nos
dá, e sempre na hora do aperto
que sempre gostamos de nós, obrigado!!!
em lembrança de todos. lembramos vocês
11/05/2011 no dia 12 de maio. A partir
das 9:00 de manhã, no espaço de reunião.

Carta de agradecimento dos catadores para a
direção do Colégio

PELO PLANETA

Até quando a escola deve ser a intermediária entre as residências e o galpão dos catadores? O correto não seria a coleta seletiva de porta em porta? Buscando respostas para essas perguntas, a comunidade escolar entrou em contato com a Prefeitura de Contagem (MG) e a Secretária Adjunta de Limpeza Urbana e conheceu o projeto de coleta de resíduos recicláveis do município. Os estudantes, do maternal (com desenhos) até a 3ª série do Ensino Médio, escreveram mais de mil cartas. Em resposta, foi realizada uma audiência no Colégio com a presença de representantes da escola, pais e Prefeitura.



Assembleia com representantes da escola
e da Prefeitura de Contagem para discutir
a coleta seletiva



O Colégio também deu impulso à coleta seletiva lançando bags individuais e caixas coletoras padronizadas para as salas de aula e administrativo.

Bags individuais e caixas coletoras para
coleta seletiva



Escola ofereceu um novo carrinho para a Catadora D. Olendina que atende a escola desde 2009.

D. Olendina recebe um novo carrinho das mãos dos alunos

PELOS ANIMAIS



Dentro da Plataforma Terráqueos, um grupo de estudantes e professores se identificou com a causa animal. A cada quinze dias, a equipe, que tem mais de 100 integrantes, se reúne para planejar ações em favor dos animais.

EVENTOS DE ADOÇÃO DE ANIMAIS

Uma das realizações da Plataforma Terráqueos é a realização de eventos de adoção de animais. Aproximadamente 30 cachorros abandonados foram adotados. Os alunos participam de todo o processo e organização, como voluntários.

Alunos da Plataforma Animal, responsáveis pelo 1º Evento de Adoção em 2011



CRIAÇÃO DE UMA DELEGACIA ESPECIALIZADA DE INVESTIGAÇÃO DE CRIMES CONTRA A FAUNA DE MINAS GERAIS

O Colégio Santo Agostinho - Contagem foi responsável por recolher 5.800 assinaturas, o que retrata a seriedade da proposta e o envolvimento dos estudantes. Esse resultado expressivo foi notado pelo Movimento Mineiro de Defesa Animal, que convidou a Instituição para participar da entrega das assinaturas ao governador.

Alunos do 5º ano que participaram ativamente da coleta de assinaturas para a criação da Delegacia de Proteção Animal



Plataforma Animal: reunião entre estudantes, docentes e representante da zoonose de Contagem





A RESPOSTA RÁPIDA AO CHAMADO DA ENCÍCLICA LAUDATO SI´

Em 2015, aconteceu a publicação da “Encíclica Laudato Si´”. O importante documento é um norteador no qual o Papa Francisco critica o consumismo e faz um apelo à mudança e à unificação global para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas.

Na sequência, foi lançado o livreto “Encíclica Laudato Si´ e a Educação: qual parte nos cabe?”, escrito pela líder de Sustentabilidade, Aleluia Heringer, que foi concebido para ser uma resposta rápida ao chamado do pontífice. O livro pode ser acessado pelo link: goo.gl/YXOfPr





SECRETARIA DE ESTADO

PRIMEIRA SECÇÃO - ASSUNTOS GERAIS

Vaticano, 31 de janeiro de 2018

Prezada Senhora,

Chegou ao destino desejado a obra «Encíclica Laudato Sí e a Educação: qual parte nos cabe?», que teve a amabilidade de oferecer ao Santo Padre, em sinal de estima pela sua pessoa e de adesão ao seu Magistério.

Ao agradecer, da parte do Sucessor de Pedro, o gesto de homenagem, posso acrescentar: o Papa Francisco deseja felicidades à senhora Aleluia Heringer, e invoca para a sua família a abundância das graças divinas, a fim de viverem constante e fielmente a condição de cristãos como bons filhos de Deus e da Igreja, ao enviar-lhes uma propiciadora Bênção Apostólica, pedindo que não se esqueçam de rezar por ele.

Aproveito a ocasião para lhe exprimir a minha fraterna estima em Cristo Senhor.

Mons. Paolo Borgia

Assessor

Ilma. Sra.

Aleluia Heringer **Lisboa Teixeira**

BELO HORIZONTE (MG)



PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: refletindo propostas para implantar conceitos

Em 2016, o Planejamento Estratégico da SIC teve como um dos objetivos **aplicar conceitos e atitudes socioambientais em todas as Unidades**. Essa convicção coletiva e o sentimento de urgência fizeram com que a Instituição saísse de uma atitude contemplativa, ou apenas discursiva em relação à temática, para um otimismo prático e um agir ético. A partir daqui, foi dado o passo inicial para o trabalho integrado de todas as Unidades.



GRUPO DE TRABALHO, ENVOLVIMENTO E INICIATIVA AMBIENTAL:

união de esforços para o bem comum

O Grupo de Trabalho, Envolvimento e Iniciativa Ambiental (GTEIA) reúne representantes de todas as Unidades da Sociedade Inteligência e Coração (SIC) que trabalham como articuladores das discussões e ações propostas coletivamente. O grupo faz uma alusão à Teia da Vida e, como metodologia, se expande ao alcance de todos.

Para nortear a atuação, logo no início de sua criação, o coletivo realizou um diagnóstico das práticas ambientais das Unidades da Instituição.

Esse diagnóstico fez parte das ações do Objetivo Estratégico da Instituição e foi importante para a implantação de uma série de medidas ecológicas de forma padronizada pelas Unidades. O formulário de **Avaliação Geral da SIC (Anexo I)**, utilizado nas visitas, foi desenvolvido pelos membros do GTEIA e se baseou na Encíclica Laudato Si'. A Avaliação Geral da SIC revelou detalhes das práticas socioambientais de sete Unidades da Instituição.

Confira algumas ações de nossas Unidades:



O DESPERTAR E VOZES EM MOVIMENTO

- Espetáculo produzido e protagonizado pelos estudantes e educadores do Colégio AIACOM - Rio de Janeiro. A peça aborda a sustentabilidade e reflete sobre a relação do homem com a natureza.
- Os jovens do AIACOM também utilizam as redes sociais para propagar, por meio de produções audiovisuais, ideias e debates referentes a assuntos que afetam o dia a dia da comunidade.





DIA SUSSA E MINHOCÁRIO

- Em Belo Horizonte (MG), o projeto pedagógico do Colégio Santo Agostinho busca envolver a comunidade educativa no cuidado com o planeta. Pais, alunos e professores participam de um dia dedicado à ecologia, com reflexões, oficinas e discussão sobre como desenvolver relações mais sustentáveis com a Casa Comum.
- Também na Unidade, os alunos do 7º ano participaram do projeto Minhocário: compostagem com minhocas, no qual eles refletiram sobre os impactos dos maus hábitos para o meio ambiente. O minhocário tem a vermicompostagem, processo onde bactérias e fungos (decompositores) transformam resíduos orgânicos em adubo, com a facilitação de minhocas (detritívoros).





PROJETO PARQUE FERNÃO DIAS E COLETA RECICLÁVEL

- Em Contagem (MG), a comunidade educativa do Colégio Santo Agostinho se dedicou a resgatar a importância de parques e áreas verdes na cidade. No Projeto Parque Fernão Dias, ela realizou diversas ações, como o plantio de muda de árvores; mutirão de limpeza; levantamento de espécies nativas e a aprovação do projeto que criou a Área de Proteção Ambiental do Fernão Dias (APA).
- Desde 2011, o Colégio também se tornou ponto de referência para armazenamento de materiais recicláveis trazidos pelos estudantes e familiares, que são condicionados em quatro grandes bags. Os resíduos são retirados pela Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Contagem (ASMAC) que faz a destinação correta.

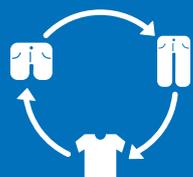






OKUPA EPSA

- Apropriando-se dos espaços públicos, pais, estudantes, professores e moradores ao redor da Escola Profissionalizante Santo Agostinho (EPSA), no Barreiro (BH/MG), dão, anualmente, o seu grito em prol da sustentabilidade. Por meio de oficinas e atividades nas praças e ruas da comunidade, a instituição fortalece os laços e a importância de se ter uma consciência ecológica.



ECO BRECHÓ

- No Gutierrez, onde está a segunda Unidade do Colégio Santo Agostinho, em Belo Horizonte (MG), um Eco Brechó colocou em prática o conceito de reutilizar e compartilhar produtos que não atendem mais às necessidades estéticas ou utilitárias de um usuário. A iniciativa dos professores sensibilizou os alunos para uma nova consciência de consumo, que extrapola o modelo atual, marcado pelo desperdício e forte impacto no meio ambiente.





AÇÕES POR TODOS OS CANTOS

- Em Nova Lima (MG), o Colégio Santo Agostinho traduz as ações de sustentabilidade com a coleta e o tratamento de água pluvial, além da priorização da ventilação cruzada. No cotidiano escolar, por exemplo, não se utiliza água potável para higienização de ambientes e irrigação de jardins.
- A horta e o aumento da arborização foram outras práticas. Além disso, ao conquistarem a premiação de uma multinacional, os estudantes agostinianos colocaram “a mão na massa” e ajudaram a construir um jardim, uma horta, um pequeno pomar e uma estrutura de coleta seletiva na Creche São Judas Tadeu, que atende crianças carentes no bairro Jardim Canadá, também em Nova Lima.
- Por meio do Projeto “Por Aqui Passa Um Rio”, realizado pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, eles participaram do mapeamento da qualidade da água em afluentes que estão no entorno do Colégio.



ATITUDES ECOLÓGICAS: SELO VERDE E CLASSIFICAÇÃO OURO!

Escola Santo Agostinho (ESA) conquista a Certificação Socioambiental da OSCIP Ecolmeia.

Para construir um mundo cada vez mais ecológico é preciso ter “Pés na Terra e Mãos à Obra”. E esse entendimento faz parte do dia a dia da Escola Santo Agostinho (ESA), obra social mantida pela Sociedade Inteligência e Coração, em Bragança Paulista - São Paulo. Desde 2014, a Unidade trabalha com os estudantes o projeto que promove uma educação socioambiental por meio de ações concretas.

A iniciativa, que já rendeu a importante certificação Selo Verde, ultrapassa os “muros escolares” e foi adotada pela comunidade ao redor da Escola. Agora, existe uma grande família agostiniana multiplicadora de boas práticas ecológicas, com “Pés na Terra e Mãos à Obra”.

Na ESA, a auditoria analisou seis quesitos:

 **SOCIAL**

 **ÉTICA**

 **CULTURA**

 **ECONOMIA**

 **MEIO AMBIENTE**

 **TECNOLOGIA**

*| Todos os itens priorizam a valorização humana,
a sustentabilidade e a responsabilidade social.*

Como reconhecimento da sua atuação, a ESA recebeu, em março de 2018, a Certificação Socioambiental Selo Verde na categoria Ouro. No evento estiveram presentes toda a comunidade educativa e autoridades municipais como o vice-prefeito Amauri Sodré e o secretário do Meio Ambiente, Alexandro de Souza Moraes.

O QUE É O PROGRAMA DE CERTIFICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL?

É uma iniciativa destinada às organizações que se comprometem com a valorização humana e a sustentabilidade. Dentro dela, está o Selo Verde Ecolmeia que possui a metodologia OSCIP, patenteada no INPI – Proc. nº 829892117/201 e dita: quanto mais as ações socioambientais alcançarem a comunidade, mais avançada é a categoria conquistada. São elas: bronze, prata, ouro e diamante (quando a Instituição desenvolve ações de ecologia integral e as multiplica pela sociedade - e entre mais três grupos distintos -, recebendo auditoria específica).

MAIS FRUTOS

Desde a certificação da Escola Santo Agostinho, a diretora da Unidade, Débora Michelotto, e a analista da área do Conhecimento de Ciências, Flávia Silva, foram convidadas para compor a Comissão Intersetorial de Educação Ambiental (CISEA) de Bragança Paulista. A participação delas na comissão conquistou a aprovação de um decreto na Câmara Municipal de Vereadores que prevê a implantação de educação ambiental na rede municipal de ensino.







SELO DE DIREITOS HUMANOS TAMBÉM É NOSSO!

Colégio AIACOM - Unidade do Rio de Janeiro - recebe certificação com projeto que envolve alunos e educadores.

A inquietude é um sentimento pulsante em todas as comunidades educativas onde a SIC atua. E com esse mesmo espírito e impulsionados pela encíclica *Laudato Si'*, o Colégio AIACOM - localizado na cidade do Rio de Janeiro (RJ) - se destacou com o projeto *Juventude e Ecologia: Vozes em Movimento*, que refletiu com educadores e adolescentes sobre a percepção integral da ecologia e a transformação social.

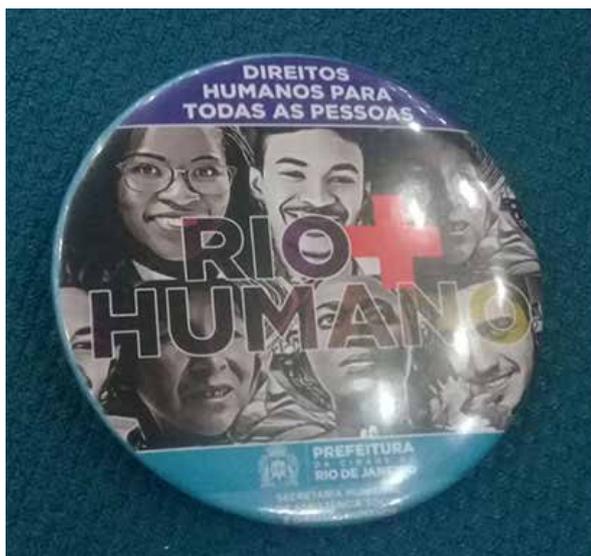


Em 2020 (ano da pandemia da Covid-19), um dos maiores desafios da iniciativa foi desenvolver no ensino remoto ações que mobilizassem boas práticas ecológicas e o pensamento crítico dos jovens, por meio do ambiente virtual.

O empenho foi reconhecido com o recebimento do Selo de Direitos Humanos, registrado no Diário Oficial do Rio de Janeiro, no Dia Internacional dos Direitos Humanos (10/12). Essa é a 1ª edição do Concurso Bial para Certificação Digital - criado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos da cidade.



A gestora Pedagógica Mônica Santos representou o AIACOM no evento de entrega da certificação oficial do Selo de Direitos Humanos.





Apresentação de espetáculo do “Juventude e Ecologia: Vozes em Movimento”, na Mostra Cultural do AIACOM.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ROTINA DO COLÉGIO

O AIACOM tem como prática a conscientização ambiental na promoção de atitudes e saberes desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Dessa forma, a Unidade trabalha metodologias que favorecem e despertam o conhecimento entre a comunidade educativa, gerados a partir de pesquisas, investigações e apresentações de trabalhos ligados ao assunto.

Além de promover a contextualização das atividades, a abordagem interdisciplinar da questão ambiental permite o entendimento das correlações ecológicas, econômicas, políticas e culturais presentes na sociedade, fortalecendo a compreensão dos conceitos de preservação e sustentabilidade da Casa Comum.

FORMAÇÕES SOBRE ECOLOGIA INTEGRAL E ENCÍCLICA LAUDATO SI'

O GTEIA tem, como um de seus objetivos, estar em contato constante com colaboradores e estudantes para esclarecer sobre a ecologia e para falar sobre a sustentabilidade como um valor de nossa Instituição, promovendo assim a reflexão e o cuidado com a Casa Comum. Por meio dos momentos de partilha, a teia se multiplica! Veja alguns registros:



Palestra para os estudantes da Escola Profissionalizante Santo Agostinho (EPSA) - novembro de 2019

Palestra de abertura da MiniONU para estudantes do Ensino Médio do Colégio Santo Agostinho - Contagem, sobre mudanças climáticas 2018



Formação de educadores e equipe pedagógica – Colégio Santo Agostinho Belo Horizonte



Apresentação do GTEIA para as equipes da Instituição

Formação da equipe de Serviços Gerais do Colégio Santo Agostinho - Contagem



OLHAR COMPARTILHADO: publicações alcançam grande parte de Minas Gerais

Boas práticas da Instituição são compartilhadas com escolas vinculadas ao Sindicato das Escolas Particulares de Minas Gerais. A líder de Sustentabilidade da SIC, Aleluia Heringer, assina a agenda do Sindicato das Escolas Particulares de Minas Gerais (SINEP), um importante canal de comunicação e integração entre as instituições filiadas.

Ao todo, o material é enviado para mais 3 mil escolas no estado e, a cada mês, traz, além dos conteúdos do cotidiano, uma publicação especial sobre os assuntos que envolvem a relação humana com a Casa Comum. Todos os textos de autoria da líder propõem discussões e reflexões pertinentes à contemporaneidade.

Você pode conferir os materiais de 2020 **(Anexo II)** na íntegra clicando aqui.



Participações da Instituição Brasil afora, representadas pela líder de Sustentabilidade:



Congresso ANEC – Cuiabá

Mesa-redonda no I Seminário de Pastoral da ANEC MG, realizado no dia 6 de setembro de 2019, com a temática “Desafios pastorais da educação católica – O desafio social-ecológico”.



**Sustentabilidade Ecológica:
qual a parte nos cabe?**

Aleluia Heringer

27/09 (sexta-feira)

8h30 às 11h

SinepMG



* exclusivamente
para escolas associadas

*Participação no evento on-line
“Sustentabilidade Ecológica: qual
a parte nos cabe?”, promovido
pelo SinepMG.*

Experiência com educadores

A troca de conhecimentos sobre ecologia integral tem, cada vez mais, despertado a atenção de educadores pelo país. Dessa forma, a proposta inovadora do GTEIA é ser um coletivo em saída. A exemplo disso estão os registros que ilustram palestras, lives, livros e encontros com a líder de Sustentabilidade, Aleluia Heringer. Confira!



*Formação do corpo docente
do Colégio Santa Maria – Nova Lima*





Leia o **convite do Dom Walmor (Anexo III)**, arcebispo de Belo Horizonte e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para participar do “Comitê Arquidiocesano sobre Águas - COMAGUAS” – 2020.



O cuidado com as outras espécies faz parte da abordagem do GTEIA. Enxergar-se como natureza passa também por repensar a relação estabelecida com os animais não humanos. Essa e outras importantes reflexões estão disponíveis no guia “Animal não humano: presente!” escrito pela Aleluia Heringer, a convite do Ministério Público de Minas Gerais.

CONFIRA ALGUNS TÍTULOS DO GUIA:



1272 Janna Baerger / iStock

8

A DESCARACTERIZAÇÃO DO ANIMAL: RECURSO E COMMODITY

Dentro da categoria animais não-humanos criou-se e subcategoria animais domesticados para consumo humano, sobre os quais pesa o nosso maior distanciamento ético e afetivo. Por tradição, cultura, religião ou gosto pessoal; há um gosto viciu que nos impede de enxergar maus-tratos ou crueldade na forma como eles nascem, vivem e morrem. Faz parte da nossa cultura, que seja assim, e ponto final.

Segundo Leonardo Boff (2002), os nossos ancestrais, depois da colheita, não comiam sozinhos. Antes, distribuíam os alimentos e os comiam comunitariamente, gesto que fazia toda a diferença. Com o passar dos tempos a ideia não era somente cozinhar, mas dar sabor aos alimentos. Nutrir-se “nunca é uma mecânica biológica individual. Compartilhar comensalmente é compartilhar com os outros que conosco comem as energias cósmicas que subjazem aos alimentos, especialmente a fertilidade da terra, o sol, as florestas, as águas e os ventos”.

Contudo, algo mudou radicalmente não na mesa e nos pratos, mas nos métodos de produção alimentar. Nossos antepassados, e aqueles até a metade do século XX, não lidavam com algumas das variáveis que nos afastam iguais de distância da nossa conexão com “as energias cósmicas que subjazem aos alimentos”, isso faz toda a diferença!

Em 2008, a humanidade deixou de ser rural para ser urbana (UNFPA-ONU, 2007). Deixamos para trás a imagem do animal no campo, das galinhas cicando, os ciclos de plantio e dos agricultores arando a terra. De forma sutil e bem lenta, tornamo-nos seres artificiais. Não sabemos para onde vão os resíduos, desconhecemos os ciclos de

41



1273 Janna Baerger / iStock

5

“JAULAS VAZIAS, NÃO MAIS ESPAÇOSAS”

Acendemos mais uma vela e conseguimos enxergar aqueles que estão um pouco mais distantes de nós, porém desfrutam de um entendimento social de que precisam ser protegidos. São os animais silvestres ou selvagens, que podem ser nativos ou exóticos, terrestres ou aquáticos, o papagaio, a arara, o mico, o jabuti, o lobo-guará, a onça-pintada, o mico-leão-dourado, a piranha, o boto, o curió, a capivara, o leão, o tigre, o elefante, o pavão, o canguru e tantos outros. Muitos são vítimas da perversa cadeia que engloba o traficante, quem transporta, quem vende, o estabelecimento e quem compra, muitas vezes um inocente pai desavisado que almeja atender aos caprichos do filho. A Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais (Renctas) e o Ibama afirmam que, de cada dez animais traficados, nove morrem antes de chegar ao destino final. As causas podem ser os ferimentos provocados no momento da captura, a sufocação, a falta de comida e de água, sem contar o estresse que sofrem pela mudança abrupta de orientação espacial, hábitos etc.

Alguns, normalmente os de maior porte, são usados em circos. Em Minas Gerais, a Lei Estadual 21.159/2014 veda prática circense que submeta espécies animais a abusos e a maus-tratos, mas infelizmente não é a realidade em todos os estados e municípios, e a Lei Federal 5.197/1967, que proíbe o exercício da caça, incluindo o safári, no território nacional¹⁰.

Cabe aos pais não levarem suas crianças; e às escolas, não incluírem esse tipo de visita em seus trabalhos de campo, como forma de pressionar os donos de circo a buscarem alternativas.

¹⁰ <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=21159&ano=2014> Acesso em 10 jan. 2020.

29



2

GATO E CACHORRO: MILHARES DE POSSIBILIDADES

Mesmo o gato e o cachorro, considerados por muitos como um membro da família, têm seus vizinhos perambulando pelas ruas, esquivando-se dos perigos cotidianos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), há mais de 30 milhões de cães e gatos abandonados no Brasil⁶. Eles se misturam na paisagem urbana a crianças, jovens e idosos abandonados, em meio a tanta miséria e situação de risco. Essa realidade, assombrosamente maior que nossa capacidade de ação, desperta sentimento de impotência seguido de uma reação que amortiza nosso desconforto.

Agimos como o sacerdote e o levita da parábola que Jesus contou sobre os bens samaritano quando, diante do homem caído no chão, "passaram para o outro lado". Seguimos caminhos tentando esquecer tais cenas indigestas⁷.

Como na parábola, outros se assemelham ao samaritano e enfrentam a situação: olham, param, cuidam e, quando precisam, assumem despesas para o total restabelecimento daquele que sofreu o abandono ou a violência. Essas pessoas são impressionáveis e dignas de nosso apoio e reconhecimento.

⁶ Essa informação, assim como a OMS, está disponível no Conselho Federal de Medicina Veterinária: <http://portal.cfmv.gov.br/noticia/index?id=909976ca99>. Acesso em 4/Jan/2020.

⁷ Como na parábola, outros se assemelham ao samaritano e enfrentam a situação: olham, param, cuidam e, quando precisam, assumem despesas para o total restabelecimento daquele que sofreu o abandono ou a violência. Essas pessoas são impressionáveis e dignas de nosso apoio e reconhecimento.

17



FOTO: Andrew Ross - Unplash



Foto: Getty Images

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO HUMANA, AMBIENTAL E ANIMAL: QUAL É MAIS IMPORTANTE?

Não é mais possível dizer que não sabemos
Philip Low

Todas as vezes que tratamos do cuidado ou de ética em relação aos animais, ouvimos discursos desmobilizadores que fazem questão de lembrar que há muitos humanos necessitados. Por que perder tempo com os animais?

Quem é o mais necessário? Qual é a causa primeira a que devemos dispensar todo o nosso esforço? O que vem à frente: o silo ou a criança, o morador de rua ou o cachorro atropelado? A todo momento criamos categorias e hierarquias para que possamos identificar o "mais importante". O ato de enquadrar e esquadriñar tem o seu valor no método científico. É preciso fazer recortes. Delimitar para entender de forma verticalizada algum objeto, mas a complexidade da vida não funciona assim.

As hierarquias começam a cumprir um desserviço quando aquilo que é próximo ou do "meu" grupo sobrepõe os demais. Ao contrário, no modelo de organização presente na natureza, o que há são relações, contextos e interdependências. Aqui é importante a existência das minhocas, dos fitoplânctons, do caiborio ou de uma floresta. Apesar de não ser próximo de nós nem foco do nosso amor, um fitoplâncton retira grande quantidade de CO₂ da atmosfera. Que bom que biólogos ou ambientalistas lutem pela preservação do meio aquático ou pela preservação das florestas! Não é necessário destacar para pensar as relações, pois cada ser tem, na sua singularidade, necessidades, contribuições e direito de existir. A necessidade é de quem sente ou padeca. Não cabe ao outro dar nota. Coloca-la, por exemplo, em

9

Confira todos os textos na íntegra clicando aqui



CENTRO ILALI

uma resposta que fortalece o cuidado com a Casa Comum



O Centro Agostiniano em Ecologia Integral (ILALI) é uma iniciativa da Sociedade Inteligência e Coração (SIC) desenvolvida como parte da resposta ao convite do Papa Francisco para renovarmos o diálogo sobre a maneira como construímos o futuro do planeta.

A partir da ideia do provérbio africano “É preciso toda a aldeia para educar uma criança”, que se caracteriza pela simplicidade e a forma comunitária de viver, e trazendo a palavra “aldeia” de um dos idiomas oficiais da África do Sul, a Xhosa, surgiu o nome ILALI.

Integrando as iniciativas internacionais da Ordem de Santo Agostinho (OSA), o espaço é qualificado para formação, encontros e experiências de conexão. Um ambiente fértil que propicia condições para a autotransformação de pessoas que, uma vez inseridas no seu meio, possam se engajar e atuar em frentes de defesa de nossa Casa Comum.

MANIFESTO:

Para mudar, é preciso coragem. Acreditamos que a indignação de não aceitar as coisas como são e a coragem para mudá-las são frutos daqueles que têm esperança.

- Acreditamos na ECOLOGIA INTEGRAL, que nos convida a uma real reflexão e mudança em nossos padrões de consumo, estilo de vida e valores.
- Acreditamos nos ENCONTROS significativos, nas trocas pessoais e no olho a olho.
- Acreditamos que o ser humano tem um papel REGENERADOR na e COM a natureza.
- Acreditamos que é possível existir em CONEXÃO com o planeta, com nós mesmos e com os outros animais não humanos.
- Acreditamos em uma educação integrativa e VIVENCIAL, baseada em EXPERIÊNCIAS que nos movem e comovem.
- Acreditamos na IMERSÃO, na riqueza do devagar, do complexo, do aprofundado, do interdependente.
- Acreditamos no poder do coletivo, em RELAÇÕES igualitárias e horizontais
- Acreditamos que todos os ANIMAIS, humanos e não humanos, merecem uma VIDA com dignidade, liberdade e reconhecimento.
- Acreditamos na DIVERSIDADE, na flexibilidade e na sensibilidade.
- Acreditamos que o FUTURO é aquilo que seremos capazes de edificar.
- Acreditamos na SIMPLICIDADE.
- Acreditamos que uma abordagem ecológica SEMPRE É SOCIAL.
- Acreditamos que é preciso ver, reconhecer, tomar decisões e AGIR.
- Acreditamos na RESPONSABILIDADE e capacidade de cada um.
- Acreditamos no respeito a TODA VIDA.
- ACREDITAMOS NOS VALORES CRISTÃOS E NO RESPEITO À VIDA PLENA PARA TODA A CRIAÇÃO.

SAIU NA MÍDIA

confira algumas matérias sobre
nossas ações de ecologia integral!

ESTADO DE MINAS • QUINZA FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2020

OPINIÃO

7

Estátua! Quando é necessário se mover

ALEXANDER HENNINGER

Leitor de sustentabilidade no Laboratório Integrado de Gestão (LIG) e diretor em sustentabilidade

A

palavra "recorde" está associada a um desempenho excepcional, que supera os anteriores. O ano de 2020, que ainda mal começou, nesse sentido, é extraordinário! Já se superou em muitas provas; entretanto, tais feitos não são para comemorar. A

Antártida registrou, em 13 de fevereiro, a temperatura de 18,3°C, a mais alta da história. No Ártico, também o recorde de 20°C, o que tem levado o Mar de Bering a descongelar em pleno inverno. Por detrás de tais proezas, a ação humana, segundo dados do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).

A emissão de gases de efeito estufa que aquece o planeta, até 2030, precisa diminuir mais de 7% ao ano para que o aumento na temperatura média global seja de apenas 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais. Se mantermos o ritmo nas emissões, a previsão dos climatologistas é de chegarmos a um aumento de 3,2°C, o que seria não mais uma crise, mas uma catástrofe climática irreversível. Para termos uma noção do que isso significa, a temperatura média global, em 2019, foi de 11°C acima dos níveis pré-industriais, o suficiente para provocar todos os eventos climáticos extremos que estamos presenciando.

Aqui cabem ações urgentes para alterar os modos de produção e consumo, como a revisão dos modelos de economia, desenvolvimento e progresso. A discussão polariza e pouco avança quando se trata de saber de quem é a responsabilidade. E dos grandes e poderosos ou dos indivíduos? Injúria considerar que uma crise de tamanha monta possa suprimir qualquer setor, pessoas ou nação. Há mudanças estruturais e de alta complexidade que dependem do esforço político e coordenado daqueles que detêm o poder. Oportuno destacar a lentidão nas respostas das grandes conferências internacionais, o que só contribui para agravar a situação.

Do outro lado, os indivíduos, pessoas simples e anônimas, já entendemos que algo está fora do ordinário e dessa constatação, vem um outro recorde, que é da nossa atitude. Como é difícil mexer com estruturas de pensamento, hábitos, tradições e estilo de vida! E sobretudo parar a máquina econômica ou redirecioná-la. Em nível individual, parece que receberemos o comando da hiperdefeza: "Estátua!". Congelamos e não mais saímos. Aquele que burla a regra e resolve se mover logo é desencorajado, afinal, "não adianta", é o "sistema". Ora, o tal "sistema" só muda por pressão do "mercado", pois depende de consumidores que não regulam. Ele não é o vilão da história. Almeja apenas o lucro e vai nos entregar exatamente aquilo que o nosso desejo de consumo demandar. Pode ser o abacaxi, o carro voador, o aço ou a carne de cabrito. O sistema, nesse sentido, não tem moral.

Constatamos que, de forma despretensiosa, milhares de indivíduos estão impactando suas famílias, os amigos, sua escola, seu trabalho, as políticas públicas, o mercado, a mídia e a indústria. Não é algo planejado nem se tem clareza de onde tudo isso vai dar, ainda assim se movem, porque faz sentido se mover.



Precisamos nos perguntar: o que repensar, recusar e não autorizar para que a exploração desmedida da natureza desacelere?

Há aspectos da vida social que só teremos duração na longa duração e vindo do alto. Entretanto, o fluxo histórico é feito aqui e agora, conforme elucidou o sociólogo alemão Norbert Elias no seu livro *A sociedade dos indivíduos*. Ele afirma que a história vai se construindo a partir das pressões exercidas "pelos" e "entre" as pessoas. Visto do ponto de vista do indivíduo, o poder de uma pessoa, mas são essas microfôrças que preparam o terreno para mudanças estruturais da sociedade ou efetivamente as acarretam. Nunca foi tão importante considerar essa perspectiva.

Precisamos nos perguntar: o que repensar, recusar e não autorizar para que a exploração desmedida da natureza desacelere? Com quem devemos nos conectar e em quais contextos devemos nos inserir? Podemos provocar e ajudar a escrever novas manchetes e repordes que sinalizem para nossa mudança de estilo de vida, consumo e valores. Essa escrita começa com o indivíduo, no seu cotidiano chamado "sua vida", e vai se entrelaçar com muitas outras histórias até, quem sabe, mudar a história.

O choro do Pantanal

ALELUIA HERINGER

Líder de sustentabilidade do Centro Agostiniano em Ecologia Integral (Itali) e do Sociedade Inteligência e Coração (SIC)

Uma das maiores extensões úmidas contínuas do planeta tanto chorou que secou. Animais carbonizados. Os que conseguiram sobreviver, assustados com olhar atônito, não sabem para onde correr. Não entendem o que está acontecendo. Imagino que se perguntam: fizemos algo para merecer a dizimação?

Árvores esturricadas, rios desidratados. As nuvens ouviram os gemidos agonizantes da Terra. Fizeram luto. Choraram água com fuligem escura.

A jaguatirica, com as patas feridas, não consegue correr. Tal cena lembra nossa incompetência como mordomos da criação. Seremos demitidos pelo Criador?

A notícia nos chega como um espelho que reflete o lado sombrio e demente da humanidade. Silen-

ciamos. Inconsoláveis e imponentes, ficamos paralisados, sabendo que, depois do estrago feito, pouco adiantará carta-aberta, nota de repúdio, culpar alguém. E agora, José?

Quem lançou a primeira centelha de fogo? É alguém, um sistema, um projeto de governo ou tudo isso e nós? A destruição insistente daquilo que ainda resta dos biomas brasileiros têm a coautoria de eleitores, do Legislativo, do Judiciário e do Executivo. A proteção do patrimônio ambiental brasileiro deveria ser um imperativo do Estado Brasileiro; acima dos governos que se alternam, pois não pode corresponder à lógica imediatista da economia e da política.

A destruição da vida onde ela pulsava exuberante tem várias assinaturas. O DNA é do sistema que tem ânsia de expansão, de bater recordes de PIB, de safra, de minério e de rebanho. Sempre mais e mais, sem o tempo natural de restauração. Nossa estética é de tratores, motosserras, escavadeiras, dragas. Esses equipamentos falam da nossa linguagem e dis-

posição. Destruímos aquilo que nos dá a vida e sustento: a água, as árvores e a possibilidade de continuarmos existindo. Ignorantes somos nós!

A centelha está em nossas demandas de consumo, em nossa avidez de comer e consumir muito além do que precisamos. Puro capricho de desejos fúteis. Autorizamos, como mercado, a expansão. Podemos, de igual modo, desautorizar com nossos hábitos, valores e estilo de vida. Hoje, comprar, comer, vestir, viver são atos políticos.

A vida prevalecerá, pois é inerente à natureza; contudo, estamos tensionando para além do limite de recuperação. Na paisagem da terra arrasada, seguiremos nossa rotina? Que os artistas desenhem, cantem, façam poemas e pintem esse momento, talvez a única forma de redimirmos com o universo e de deixar o registro desta desgraça – a falta de graça de nossa história. Sem tempo para o luto, precisaremos de uma grande aliança em defesa daquilo que nos resta. Chega de brincar com fogo.

Confinados por aqueles que confinamos

ALELUIA HERINGER

Líder de sustentabilidade do Centro de Referências Agostinianas em Ecologia Integral

Um aspecto da pandemia pouco explorado é o fato de estarmos confinados devido à forma equivocada como nos relacionamos e confinamos as outras espécies. Vivemos em uma casa comum; entretanto, procedemos como se a nossa espécie fosse a única com direitos.

Dizemos e cantamos que "tudo está interligado, como se fôssemos um", porém, somos seletivos e cortamos as interdependências que nos conectam com o mundo natural. Vemo-nos fora e acima da tela da vida. Como bem diz o papa Francisco, "esquecemos que somos Terra" e, acrescento, esquecemos que somos animais, animais humanos. Somos, nesse sentido, "especistas", expressão cunhada pelo filósofo americano Gary Francione. Nossa ética é tradicional, construída pelo homem e para o homem.

Sabemos que o novo coronavírus, que pode causar infecções respiratórias graves, é uma zoonose, ou seja, uma doença que começou em animais infectados e foi transmitida de animais para as pessoas. A culpa não é dos animais, mas da forma como os manipulamos. Os mercados abertos

da China misturam alimentos, animais silvestres e domésticos, vivos ou abatidos na hora, na frente do freguês. Ambiente que favoreceu a contaminação de humanos pelo, agora famoso, Sars-CoV-2, agente causador da COVID-19. Os tradicionais mercados públicos de nossas cidades fazem algo semelhante ao vender pássaros, galinhas, cachorros e tartarugas em espaços exíguos, insalubres, sujos e de grande aglomeração, junto com verduras, queijos, carnes etc.

Em 2013, relatório da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) já denunciava que sete em cada 10 doenças surgidas desde a década de 1940 eram de origem animal. A mistura de nossa ação predatória em relação aos ecossistemas, o confinamento de animais em grande escala e as grandes aglomerações nos centros urbanos tornaram o ambiente favorável para a seleção de novas mutações e o aparecimento de novas doenças para as quais não há remédios ou vacinas e nos deixam, a cada dia, mais vulneráveis.

Segundo Yuval Noah Harari, no livro *Homo Deus*, "durante milênios, o *Homo sapiens* tornou-se o mais importante fator individual na mudança da ecologia global". Ele traz um dado espantoso sobre a atual composição da biomassa global de animais de grande porte: 100

milhões de toneladas de grandes animais selvagens; 300 milhões de toneladas de humanos; e 700 milhões de toneladas de animais domesticados. Os princípios de organização dos ecossistemas não permitiriam essa bizarrice de uma espécie se multiplicar *ad infinitum*, sem que processos naturais fizessem a correção. Nossa curta visão e critérios que só enxergam a natureza e as espécies animais com a lente da utilidade e lucro, ao contrário, dão o nome para isso de desenvolvimento e progresso. Precisamos nos atentar para o confinamento de animais pela indústria da carne, que abate bilhões de animais por ano. Ou que o rebanho bovino brasileiro tem mais cabeças que toda a população brasileira.

Nesse reencontro com aquilo que alimenta o nosso corpo, deveríamos nos perguntar: de que é feito isso e aquilo? Como é produzido? Ficaremos surpresos ao ver que, da hora em que acordamos até a hora em que vamos dormir, tudo aquilo que comemos tem algum ingrediente de origem animal. Devemos nos perguntar: é preciso? Esse ato automático de levar o garfo até a boca, para muito além do gosto pessoal, cultura ou tradição, em tempos de pandemia, passa a ser um gesto sanitário, ecológico, político, ético, humanitário, social e, por que não, saudável.

A dolorosa consciência



ALELUIA MERINGER

Docente em Educação pelo UFAC e líder de Sustentabilidade da SIC (Sociedade Intelectual e Corajosa)

O poeta alemão Heinrich Heine (1797 - 1856), nascido no final do século 18, deixou-nos um poema que nunca vai envelhecer e que diz: "Outros tempos, outros pássaros. Outros pássaros, outros cantos. E sem dúvida eu os amaria, se tivesse eu outros ouvidos". Digo

que não vai envelhecer, pois todo tempo tem um novo para chamar de seu.

Há um pássaro e um canto, chamados Encíclica *Laudato Si'*, escrita pelo cidadão planetário Mário Bergoglio, conhecido como Francisco, que há cinco anos está voando entre nós. Ele diz que devemos tomar "dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece com o mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar". Quem prestou atenção a esse canto?

No que se refere à crise socioambiental, há forte consenso entre os cientistas em relação às estimativas diante da inoperância da humanidade em conter as emissões de gases de efeito estufa. A 10ª edição do relatório Emissions Gap, da ONU Meio Ambiente, publicado em novembro de 2019, aponta que, se a humanidade quiser ter uma chance de 66% ou mais de limitar o aqueci-

"Há tempos que a forma linear como produzimos, extraímos, consumimos e descartamos não mais se sustenta"

mento global em 1,5oC, será preciso cortar as emissões globais de gás carbônico em 7,6% todos os anos daqui até 2030.

Há tempos que a forma linear como produzimos, extraímos, consumimos e descartamos não mais se sustenta. Agimos como descreve o relato bíblico que, nos dias anteriores ao dilúvio, "comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento". Podemos atualizar: iam para a escola, para o shopping, perfuravam poços de petróleo, se reuniam em congressos, derrubavam florestas, batiam metas, até o dia em que a casa comum, cansada de gemer as dores do parto, convulsionou e não o perceberam, e vieram os eventos climáticos extremos, a perda da biodiversidade, a extin-

ção das espécies, a crise hídrica, a elevação do nível do mar, a perda de safras, a seca, a erosão do solo e atingiram a todos, ricos e pobres. Países decretaram emergência climática, enquanto levas de imigrantes ambientais se deslocavam por terra e pelo mar. Os pobres e vulneráveis disputavam um copo de água e um pedaço de pão.

Sabendo da ameaça anunciada, onde estão as atalaias? Dormem as sentinelas? Quem vai ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que dói e fere a terra?

Em 2019, outro pássaro e outro canto nos convocando a uma grande aliança na difusão de um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Na justificativa desse Pacto Educativo Global, Papa Francisco pede a renovação da paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão.

Vamos traduzir esse chamado identificando suas implicações em nossas escolas, em nossa sociedade e em nossas vidas: onde estamos fechados e precisamos abrir? Onde somos excluídos e precisamos incluir? Quais vozes calam? Quem não permitimos entrar em nossas escolas, igrejas, bairros ou cidades? Somos bons para quem? Para os sãos ou para os doentes? De fato, conforme Francisco, para não sermos inúteis e nossos esforços estereis, precisamos nos ocupar em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza.

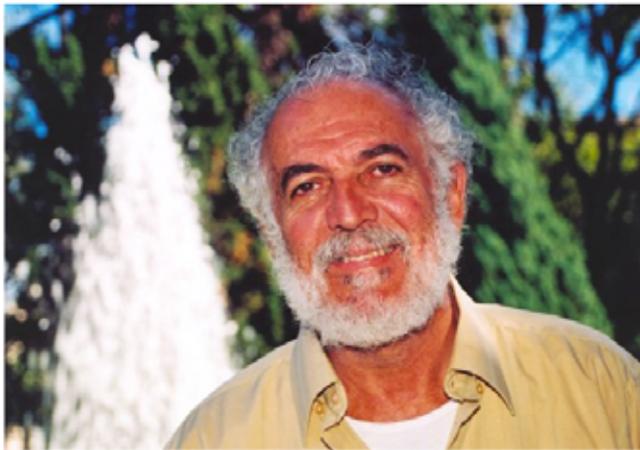
Início ▾ Brasil ▾ Centro Ilali apresenta bate-papo sobre ecologia integral com o ambientalista Apolo Heringer...

Brasil Notícias Economia Lives

Centro Ilali apresenta bate-papo sobre ecologia integral com o ambientalista Apolo Heringer em live nesta sexta (24)

Por Redação Cenário Minas - 23/07/2020

223 0



Idealizador do Projeto Manuelzão e referência na causa ambientalista, Heringer falará sobre os limites entre a sustentabilidade ecossistêmica e a atividade econômica

Nesta sexta-feira (24), às 17h, a coordenadora geral do Ilali, Centro Agostiniano em Ecologia Integral, e mestre em Economia para Transição, Fernanda Rocha Vidal, vai conversar com o médico sanitariano Apolo Heringer sobre Ecologia Integral. O bate-papo será transmitido pelo canal do Centro Ilali no Youtube (<https://bit.ly/2ZR72xl>) e Facebook (<https://www.facebook.com/centroilali>).

Apolo Heringer, referência na causa ambientalista no país, é o idealizador do Projeto Manuelzão, de despoluição do Rio das Velhas e luta por melhorias nas condições ambientais para promover qualidade de vida. No bate-papo, Heringer falará sobre os limites entre a sustentabilidade ecossistêmica e a atividade econômica e responderá uma questão: 'Nosso planeta está no limite?'. "Temos que 'ecologizar' a economia. A atividade econômica deve estar dentro dos limites de sustentabilidade ecossistêmica, porque 'sustentabilidade' virou uma palavra oca, está virando marketing de empresas, e a economia não pode extrapolar os limites ambientais explícitos", afirma Heringer.

O Ilali, espaço de educação localizado em Mário Campos, Minas Gerais, é uma iniciativa da Sociedade Inteligência e Coração (SIC), que também responde pelas quatro unidades do Colégio Santo Agostinho, em Belo Horizonte, Contagem e Nova Lima. O propósito central do espaço é convidar indivíduos para um diálogo construtivo que transforme a maneira das pessoas de se relacionarem com o mundo, apresentando novas possibilidades de convivência com a natureza rumo à uma sociedade sustentável.

Revista Cenário Minas -
23/07/2020



Notícias

[home](#) • [notícias](#) • minissérie "ser humano", que debate a gravidez durante a pandemia, chega aos últimos episódios

Minissérie "Ser Humano", que debate a gravidez durante a pandemia, chega aos últimos episódios

Projeto do Centro Ilali propõe reflexões sobre o futuro da sociedade, sob o olhar da gestante Fernanda Rocha Vidal, gestora da instituição



A pandemia do novo coronavírus trouxe diversos medos e incertezas para as pessoas que se encaixam no grupo de risco, como idosos, portadores de doenças crônicas e as mulheres grávidas. É o caso da mineira Fernanda Rocha Vidal, gestora do Ilali - Centro Agostiniano em Ecologia Integral e mestre em Economia para a Transição. À espera de Ben, seu primeiro filho, Fernanda viu em sua experiência particular uma oportunidade de compartilhar com toda a sociedade reflexões sobre as oportunidades que a pandemia traz para a construção de novos futuros de cuidado com a casa comum - o Planeta Terra.

Deste desejo de Fernanda nasceu o projeto "Ser Humano", uma série veiculada por meio da plataforma IGTV do Instagram, no perfil @centroilali. Por meio da vivência da gravidez em um período adverso, Fernanda expõe a cada novo vídeo uma equilibrada mistura entre suas experiências pessoais e a construção de imaginários futuros, convidando os espectadores a seguirem o propósito da ecologia integral. "Acredito que a gravidez e essa crise sanitária possuem mais em comum do que pode parecer em um primeiro momento. As duas situações nos levam a estar fora da nossa normalidade e a imaginar o futuro que queremos, seja para um filho que vai nascer ou para

o mundo no pós-pandemia" explica a gestora.

O final da série promete trazer ainda mais reflexões e emoção. Nas últimas semanas da gestação, Fernanda vislumbra o que espera mostrar para o filho. "Ben vai crescer ouvindo histórias sobre o período complicado em que nasceu. Desejo poder contar a ele, no futuro, que graças a essa grande crise ele cresceu em um mundo melhor e mais consciente. É esse o principal motivo pelo qual acredito que a série "Ser Humano" é importante não apenas para futuros pais, afinal, o mundo do futuro depende de todos", explica.

Todos os episódios da série podem ser encontrados no perfil @centroilali, no Instagram. Os últimos episódios vão ao ar nesta semana.

Fora da farrá. Retiros, meditação e estudo da obra de Chico Xavier são boas opções para quem não curte a festa

Carnaval bem longe dos agitos

Opções vão de imersão na natureza a rituais para arejar e serenar a mente

■ JANA ELIZABETH DINIZ
ESPECIAL PARA O TEMPO

|| Há quem odie o Carnaval, principalmente depois que Belo Horizonte se converteu, como uma das capitais da festa, a cidade transitoria deve receber mais de 5 milhões de pessoas neste ano. Muitos querem, no entanto, sossego e aproveitar a pausa para revigorar o corpo, a mente e, de quebra, fortalecer o lado espiritual.

Perinho de BFL, no serro do Cipó, vai acontecer um retiro especial de Carnaval com o tema "Arejando a mente para viver melhor" (ver agenda).

Promovido pela Organização Brahma Kumaris, o evento tem como proposta oferecer uma oportunidade para aqueles que buscam uma vida mais harmoniosa e pacífica.

"Este encontro traz possibilidades para que a pessoa possa desconectar seu modo de pensar e comunicar como belo, de dentro para fora. Vamos oferecer reflexões, meditações, poesia, música e informações com foco em viver uma vida melhor", propõe Patrícia Carvalho, coordenadora da Brahma Kumaris em Belo Horizonte.

Ela ressalta que "o retiro vai acontecer em meio à natureza e em um ambiente de muita espiritualidade e harmonia com Deus".

O instrutor do retiro será Herbert Santos Silva, que se dedica ao estudo e à aplicação dos valores ges-
ti-

nas e da liderança no desenvolvimento pessoal e organizacional há mais de duas décadas. Ele é gestor do site inspiracionas.com e autor de livros inspiracionais, como "A Mente Sombria", "Ouvindo as Estrelas" e "Transição com Você na Nova Era".

Outra opção na região metropolitana é o retiro "Violeta", que será realizado entre os dias 22 e 24 de fevereiro e está sendo organizado pela Casa Galá - Centro de Referências Agostiniano em Ecologia Integral, situado no município de Múrio Campos, a 17 km do Ibiturra. O objetivo é proporcionar uma jornada de autoconhecimento e despertar o interesse, com yoga, meditação e momentos de imersão na natureza.

O programa inclui hospedagem, alimentação com produtos orgânicos locais - plantados de forma agroecológica e preparados por cozinheiras e chefs - banhos de água da nascente, massagens ao ar livre, trilhas com mindfulness na mata de preservação ambiental, cercada de montanhas, lagos, jardins, nascentes, pomares e hortas.

"Este retiro de Carnaval carrega o poder da chama violeta, que representa a mudança interna, a conexão com as energias mais puras da natureza", comenta Lúcia Dió, instrutora de yoga e professora de alfabetização nutricional do Colégio Santo Agostinho Costagem.

Ela conta que, por meio das práticas de yoga e meditação, "é possível traçar um caminho em direção à própria essência, despertando nossa mente verbal. O espaço tem natureza exuberante e é o lugar ideal para esta experiência".



Casa Galá. O Centro de Referências Agostiniano em Ecologia Integral, vai oferecer uma jornada de autoconhecimento e despertar interior

SERVIÇO: O retiro da Brahma Kumaris acontecerá no Portal da Fara, no serro do Cipó, de 22 a 25 de fevereiro. Informações: (31) 3371-9802 ou pelo e-mail: portal@paz@br.brahmakumaris.org. O retiro "Violeta" será realizado entre os dias 22 e 24, na Casa Galá, no município de Múrio Campos. Ingressos: https://www.sympia.com.br/retiro-violeta_72126

Contramão

Ambição. O Carnaval não é unanimidade. Aproveite o feriado para investir em espiritualidade e ser uma boa.



Complexidade. No Portal da Fara da Organização Brahma Kumaris, haverá práticas para vida melhor

Jornal O Tempo - 18/02/2020

FORMAÇÃO SQUAD ECOLOGIA INTEGRAL

Refletindo sobre os desafios do presente e as projeções para o futuro, a SIC tem trabalhado para a evolução da Instituição, com projetos que englobam ações ligadas a temas como a **ecologia integral**.

Para ter início em 2021, por meio de uma equipe multidisciplinar responsável por refletir sobre o tema, foi proposto um plano de ação que garanta a presença sistematizada das temáticas, perspectivas e abordagens da **ecologia integral** em todas as Unidades Educacionais e segmentos de ensino.

Ao promover uma vida por meio da fraternidade, da educação e da justiça social, buscamos, com o **Squad Ecologia Integral**, alinhar a consciência coletiva sobre o tema, transformando-o em um valor institucional.

Para isso, foram estipuladas diversas ações, entre elas:

MAPPA

Sistematização curricular de temáticas que possibilitem a conversão ecológica integral desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

CALENDÁRIO

Ajustes nos calendários de todas as Unidades, unificando ações que celebrem a Ecologia Integral no decorrer do ano letivo.

VIVÊNCIAS

Criação de momentos de vivência para todos os colaboradores em parceria com GTEIA, Ilali e DEPAS.

PRESENÇA

Implementação de uma política de incentivo à participação em eventos relacionados ao tema, assim como publicações em portais diversos.



*Membros Squad
Ecologia Integral*

“A ecologia integral tem um papel unificador na ética social e na compreensão sobre Justiça Intergeracional.”

Papa Francisco, 2015

PRECISAMOS
NOS APAIXONAR
PELO NOSSO
PLANETA.



LEITURA COMPLEMENTAR

CONFIRA NA ÍNTEGRA OS ANEXOS
CITADOS NA CARTILHA

ANEXO I

AVALIAÇÃO GERAL QUALITATIVA DAS UNIDADES DA SIC

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS:

A realização das visitas e os formulários entregues possuem uma riqueza muito maior que este breve relatório descreve. Cada dupla envolvida na visita de uma unidade tem níveis diferentes de percepção e isso faz com que as respostas, para além do sim ou do não, ocultem muitos aspectos. Alguns “sim” e outros “não” puxam mais questionamentos.

De uma forma geral temos experiências interessantes e bem avançadas em termos de amadurecimento e execução. Precisamos conhecer essas experiências. Entretanto, constatamos que a educação ecológica não é uma ocupação ou uma prioridade em grande parte de nossas Unidades. Por ser um tipo de educação sistêmica, não consegue avançar onde há fragmentação. As pessoas fazem as coisas por iniciativa própria e não há convergência nas ações. A falta de regularidade nas ações envolvendo a educação ecológica ou o acompanhamento das lideranças pedagógicas, administrativas ou diretivas é sensivelmente sentida. “Há muito discurso e poucas coisas são efetivadas”; as “lideranças deveriam dar o exemplo”.

Antes de introduzirmos a sustentabilidade como mais um valor para a SIC é preciso refletir se é isso mesmo que queremos. Fazer a conversão ecológica proposta pelo Papa Francisco dará trabalho e irá exigir o envolvimento de todos.

Não olhar para aquilo que não fizemos até agora, mas virar a página e focar naquilo que estamos dispostos a fazer. Quanto de abertura, humildade e generosidade estamos dispostos a ofertar para que a SIC possa ser uma referência no que tange à vivência da Ecologia Integral? Os membros do GTEIA desenvolveram e trabalharam de forma muito animada até agora. Estão apreensivos com o que virá daqui para frente. Eles não gostariam de parar com o projeto, mas demonstraram preocupação e anteviram dificuldades ou indisposições. Cabe a nós, lideranças instituídas pela SIC, animá-los, apoiá-los e ampliarmos a TEIA em cada Unidade.

ANEXO II

AGENDA DO SINDICATO DAS ESCOLAS PARTICULARES DE MINAS GERAIS (SINEP)

2020 - ANO INTERNACIONAL DA FITOSSANIDADE – ONU/FAO

Fitossanidade se refere à saúde das plantas, ou melhor, a sua capacidade de se recuperar de pragas e doenças, bem como às medidas tomadas para prevenir que isso aconteça. No documento norteador disponível no site http://www.peaunesco-sp.com.br/encontro_nacional.htm são dadas algumas razões para esta escolha, advinda de algumas preocupações: as plantas representam 80% dos alimentos que ingerimos; elas produzem 98% do oxigênio que respiramos; a perda de 40% das safras globais de alimentos com as pragas; o aumento em cerca de 60% da produção para alimentarmos uma população; a crise climática que ameaça reduzir tanto a quantidade como a qualidade de culturas; as pragas estão aparecendo mais cedo e em lugares que nunca foram vistas antes devido às mudanças climáticas; 80% da biomassa de insetos desapareceram nos últimos 30 anos, sendo que são vitais para a saúde das plantas, já que polinizam a maioria delas.

Esse é um problema complexo em que os ecossistemas do planeta, durante mais de 3 bilhões de anos de evolução, têm se organizado “recorrendo a meios sutis e complexos, de modo a maximizar a sua sustentabilidade”, segundo Fritjof Capra, no seu livro “A Visão Ecológica da Vida” (2014). Essa sabedoria, segundo o autor, é a essência da ecoalfabetização. Aí entra a escola.

A perda da biodiversidade, proveniente do aumento das extensões da monocultura, criou um ambiente favorável para as pragas e, conseqüentemente, o aumento em grande escala de todo tipo de inseticidas, pesticidas e fertilizantes. Nós nos perdemos entre a medida do remédio e do veneno. A bióloga Raquel Carson, em 1962, no seu livro “Primavera Silenciosa”, já denunciava isso que hoje a ONU/FAO coloca em pauta.

As escolas têm, no ano de 2020, uma oportunidade ímpar para entender os princípios que regem os ecossistemas, tais como: a interdependência; as relações; as redes como padrão básico da vida, os processos cíclicos, a parceria; a diversidade e a flexibilidade. Este último princípio, em especial, é “consequência de seus múltiplos ciclos de feedback, que tendem a trazer o sistema de volta ao equilíbrio sempre que há um desvio da norma produzida por mudanças nas condições ambientais”.

A natureza sabe a resposta – precisamos parar para observar e estudar. Precisamos ecoalfabetizar!

2020: O FUTURO DO PASSADO. NOSSO PRESENTE!

Para quem viveu na década de 50 ou 60 do século XX, o ano de 2020 era invocado como o futuro. Tão longe e imprevisível! Para alguns é estranho estar dentro, vivendo aquilo que, outrora, era ficção científica. Não há dúvida de que as soluções e facilidades tecnológicas chegaram em várias áreas de nossas vidas, contudo não chegaram para todos. Também não há dúvida de que a vida no planeta Terra, nossa Casa Comum, ficou bem mais difícil, um lugar árido de se habitar.

Lá atrás, em nossa história como humanidade, desvinculamo-nos da Natureza. Essa se tornou para nós uma moldura de nossas vidas e caprichos. Abusamos da sua capacidade provedora de recursos e operamos como se fosse apenas fonte inesgotável de exploração.

A Natureza tem uma capacidade inerente de manter a vida. Ela se renova e recupera, entretanto nós não respeitamos esse tempo. Invadimos, derrubamos, depreciamos, sujamos e poluímos sem pensar que há um limite em sua biocapacidade de recuperação.

Há esperança, pois há espaço para ação. Somos educadores. Temos o privilégio de ocupar uma posição estratégica e crucial na formação das novas gerações. As crianças e jovens que estão sentados nos bancos escolares não poderão mais “viver como os nossos pais”. Mesmo que não queiram ou não tenham consciência, os modos, costumes, consumo, estilo de vida e valores terão que ser alterados. Não há no planeta o suficiente para nos satisfazer em todos os nossos desejos, a maior parte deles, fúteis e desnecessários.

A Agenda do SINEP - 2020 propõe essa discussão. Cada mês uma provocação, uma sugestão e uma ação. Quem sabe, como uma grande rede, não utilizemos a nossa vocação, palavra, exemplo de vida, como sujeitos e como instituição de educação, para fazermos algo que altere aquilo que está sendo projetado para 2030?

A ESCOLA DO PAPEL

Nada combina mais com a escola do que o papel. Tem papel em tudo e para tudo: caderno, A4, A3, apostilas, formulários, diários, boletins, documentos, matriz, cartaz, embalagens etc. Imagine que fôssemos fazer um ensaio fotográfico no qual colocaríamos, na entrada das escolas, o volume de papéis consumidos em um ano, incluindo os livros dos estudantes. Tenho certeza de que escolas, de muitos andares, iriam desaparecer atrás das torres de papel.

Isso não significa que florestas virgens ou primárias estão sendo desmatadas para tal consumo. O Brasil tem hoje o melhor e mais competitivo parque industrial de celulose do mundo. A Silvicultura, ciência que se dedica ao estudo dos métodos naturais e artificiais de regenerar e melhorar os povoamentos florestais, apresenta suas soluções para o mercado. O Brasil possui 9 milhões e 850 mil hectares de florestas plantadas, sendo 75% desse território voltado à produção de eucalipto e 20,6% de pinus, segundo dados publicados em setembro de 2018.

Nossa reflexão precisa ir para além dessas alternativas e nos perguntarmos: precisamos de tanto? Por mais que o processo de produção de madeira seja sustentável ou de reflorestamento, estamos demandando recursos que, em grande parte, são desnecessários. Pense então nas seguintes perguntas e aja naquilo que for possível:

- a-** Em quais setores, práticas e processos podemos não utilizar papel?
- b-** Se for imprescindível, é possível aproveitar melhor sua utilização? Frente e verso, ampliar margens, diminuir letra, diminuir tamanho de cabeçalhos, eliminar margens, rever colunas?
- c-** Quais documentos de Secretaria, RH, Tesouraria são possíveis de migração para arquivamento eletrônico? Já há consultas junto ao Conselho Estadual de Educação (CEE) que autoriza a não impressão de boletins, diário de classe e planilhas de notas, desde que tenham o arquivamento eletrônico. Informe-se!
- d-** Nossos eventos, projetos, congressos e brindes: quanto de papel podemos eliminar? O que realmente é indispensável?

O MUNDO DESCARTÁVEL

Olhe para o seu entorno, seu quarto ou seu escritório. Quantos objetos terão um tempo de vida curtíssimo ou serão descartados antes mesmo de serem utilizados? Quantas embalagens “fazem volume” com o intuito de valorizar aquilo que apresentamos? Papelzinho, copos, lápis, cadernetas, fios, aparelhos eletrônicos, brindes em geral. Tudo baratinho à custa da natureza que não cobra a energia, água ou outros recursos naturais envolvidos.

Algo que nossa cultura assimilou e se tornou natural é a “obsolescência programada” - processo em que o produtor, de forma intencional, propositadamente, desenvolve, fabrica e distribui produtos de forma que se tornem obsoletos e levem o consumidor a comprar novamente. Essa prática é altamente interessante para o mercado tanto quanto nociva para o meio ambiente.

A lógica da obsolescência sinaliza para a redução do tempo de vida das lâmpadas, dos carros, dos celulares, do liquidificador e de tudo mais que nos cerca. O livro didático, infelizmente, passou a ser consumível (validade de um ano). Essa lógica retroalimenta o consumo e, conseqüentemente, o descarte. Infelizmente não somos tão eficientes no destino e tratamento dos nossos resíduos.

A escola, como esperamos, é um grande referencial de civilização. Deveria ser exemplar em seu trato com os objetos. Ter grandes princípios ou premissas, tais como: menos é mais, a sobriedade, a simplicidade, a não ostentação, introjetados nas práticas e processos é um anúncio de alta relevância. Valorizar os objetos pela sua capacidade de uso e não de troca é algo que a comunidade educativa tem a responsabilidade de proclamar e viver.

RECICLAGEM: NÃO HÁ FORA!

A Natureza não produz lixões. Por serem seus processos cíclicos, aquilo que é resíduo para um é alimento para o outro. Existe lixo onde há humanos. Nossos processos são lineares. No final da linha, o descarte.

Cuidar do próprio resíduo, ocupar-se com a sua destinação, conhecer formas de reaproveitamento é o básico em uma alfabetização ecológica. Os educadores já deve-

riam ter essa prática introjetada e já deveríamos estar ensinando. O pouco que a temática é abordada nas escolas, as crianças entendem e passam a praticar. Infelizmente, a cultura em que estão imersas não contribui para que a prática se fortaleça. Tudo é feito para desanimar. Faltam estruturas de apoio, logística e, o pior, falta exemplo dos adultos e muitas vezes das duas grandes referências da criança e do jovem: a escola e a família.

Sabemos que há uma demanda represada de caminhões e de rotas de recolhimento do resíduo que deveria se destinar à reciclagem. A escola, cumprindo sua função social, pode:

- organizar-se para ser um ponto de coleta e negociar com a Prefeitura ou diretamente com associações de catadores o recolhimento;
- disponibilizar bags individuais retornáveis para facilitar o acondicionamento de resíduos em casa, além de evitar o uso de sacolas plásticas. Não é necessária a separação do material, trabalho feito no galpão (combinado previamente);
- comunicar e explicar para a comunidade escolar o que será recolhido e como. Isso é educação de um povo, portanto, de alta relevância;
- dispor coletores ou ecopontos bonitos nas entradas das escolas, numa demonstração de que essa é uma prática que tem valor para aquela comunidade;
- criar momentos em que o/a catador/a passe nas salas e fale sobre como ele/a se insere nessa rede de apoio e de sustentabilidade. Os estudantes precisam saber quanto custa o quilo de cada material, o que prejudica e o que valoriza um resíduo, e mais, conhecer quem são as pessoas que fazem esse trabalho, dando a elas a visibilidade e a dignidade necessárias.

ALIMENTAÇÃO – O QUE ESTAMOS DEIXANDO DE ENSINAR

Seja no cenário mais otimista como o descrito no livro “Abundância: o futuro é melhor do que você imagina” (2012), bestseller no New York Times, ou o mais pessimista como “A Terra Inabitável” (2019), de David Wallace-Wells, seja pelos relatórios do respeitado e conservador Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), a alimentação da população mundial é um assunto que entra em qualquer discussão séria sobre a crise climática que estamos vivendo.

O ato de comer não encontra paralelo em nenhum outro componente de nossa vida. Consumimos todos os dias e várias vezes. A produção global de alimentos já responde por cerca de um terço de todas as emissões de gases de efeito estufa. Outra disfunção desse sistema: morrem mais pessoas por excesso de comida do que por sua falta. Segundo a OMS, a obesidade é uma epidemia do século XXI.

As escolas ainda estão devendo um programa de alfabetização ecológica e nutricional que prepare os alunos para esta realidade. Após mais de uma década de escolaridade, um adolescente saberia dizer onde encontrar as proteínas de origem vegetal? Que os vegetais verde-escuros são excelentes fontes de cálcio? Que proteínas são formadas por aminoácidos essenciais e não são sinônimo de carne? Relutamos em tratar desses assuntos por desconhecimento e por questões culturais.

Não queremos enxergar o que, de fato, está em nossos pratos e nem a cadeia de produção que o alimento percorreu. Enxergar para além do cardápio é pensar na perspectiva da palavra "dieta" – no latim *diæta*, que vem do grego *diæita* que significa "modo de vida". Uma cultura ecológica compreende também alargarmos nossa visão em relação à pegada que deixamos com a nossa dieta ou modo de vida.

As pessoas que dirigem escolas, cantinas, copas e que solicitam os lanches ou que definem o que será vendido e oferecido precisam parar para pensar no quanto sua ação diária pode ser impactante na vida de nosso planeta, das pessoas e dos animais. Estamos dispostos a testar e criar receitas e sabores? Resgatar o nosso rico e diversificado patrimônio de frutas, hortaliças, legumes, grãos, tubérculos etc.? Está literalmente em nossas mãos, no garfo e na faca, o poder de impactar o mercado e exigir uma alimentação que seja condizente com a crise climática que estamos vivendo e com nosso conhecimento ético em relação ao trato com as outras espécies.

ÁGUA: TANTA E TÃO POUCA

O Planeta Água é 97,5% de água salgada! Outra grande parte está em geleiras ou em águas subterrâneas (aquíferos). A situação se complica quando constatamos que o Brasil perde quase 40% da água tratada com vazamentos e fraudes. Soma-se a isso o fato de que, para um bilhão de pessoas no mundo, a água potável não é segura e que, no Brasil, 2,6 bilhões não têm acesso ao saneamento básico. Isso significa que existe tecnologia para resolver um problema tão básico, pois, contraditoriamente, existem mais pessoas com celulares do que com privadas (water.org/learn-about-the-water-crisis/facts).

A escassez fica mais bem compreendida com o paralelo disponível no site da ONG Akatu: "Se toda a água do planeta Terra coubesse em uma garrafa PET de 2 litros, somente 3 das mais de 42 mil gotas estariam disponíveis para o consumo". Nossos modos e costumes não estão sintonizados com os dados acima. Ainda paira, em nosso

imaginário e na dos governantes, a ideia de abundância de água, o que nos leva ao uso desregrado. Nossas vidas e a vida das outras espécies dependem da água para viver.

A escola atua no ensino de hábitos, tais como: fechar a torneira ao escovar os dentes; tomar banho mais rápido; suprimir o uso do banho de mangueira ou seu uso para lavar calçada ou carro, entre outros. São ações que estão ao alcance de todos e que são básicas, contudo precisamos aprofundar nas causas e nos perguntar: para onde vai a água do mundo? Quais setores da economia que mais consomem água? Segundo a FAO, 70% da água do mundo é utilizada na agricultura, entretanto não se trata apenas da irrigação do inocente arroz com feijão, inclui-se aqui a agropecuária. Um ovo requer 454 litros para ser produzido e um quilo de carne, 21 mil litros. Quais as relações possíveis de se fazer entre esses dados e nosso modo de vida e consumo?

São justos os valores cobrados e pagos pelos recursos hídricos por parte das indústrias, mineradoras, irrigantes e empresas de saneamento? Para entendermos como isso funciona, daremos o exemplo do Rio São Francisco: R\$ 0,012/m³ de água bruta captada, R\$ 0,024/m³ consumido e R\$ 0,0012/m³ de efluente lançado no Velho Chico. A lógica é que a água retorna após o uso, mas retorna em quais condições? O vídeo da Agência Nacional de Águas (ANA) https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=Pg-qfCjYwui0 é um ótimo recurso didático para essa discussão.

ENERGIA: SÓ PERGUNTAS

Um linguajar envolvendo a energia faz parte do nosso cotidiano. É preciso economizar energia! Energia limpa, matriz energética, estou “sem energia”, tomei energético, e agora, mais do que nunca, as emissões de gases de efeito estufa emitidos pela queima de combustível fóssil, considerado uma fonte de energia altamente poluente. Qualquer trabalho, por mais insignificante que pareça, precisa de energia, como, por exemplo, mover um lápis, abrir ou fechar os olhos.

Para além daquilo que é ensinado na Física, Biologia e na Química, faz-se necessário integrar todas essas informações de modo a se alcançar uma competência de analisar os fenômenos de forma integrada, fazer relações ao ouvir um noticiário ou tomar decisões.

Identificar no próprio cotidiano: em quais situações, como e qual a fonte da energia que consumo e o mesmo para minha escola/instituição é um bom começo. A energia que possibilita ao meu corpo se movimentar, origem da minha vitalidade, proveniente da minha alimentação, está adequada? A energia que demando para que meus equipamentos eletrônicos funcionem poderia ser otimizada? Consigo relacionar

consumo de energia e minha ação de manter o ar-condicionado ligado mesmo sem ninguém na sala? Já lemos e sabemos interpretar a conta de energia de nossa casa? E da escola?

Tivemos o inverno mais quente das últimas décadas e um tempo longo de estiagem em 2019. Saberíamos relacionar o impacto dessa mudança climática e a conta de luz? O que uma lâmpada LED tem de diferente de uma fluorescente? Abastecer o carro com etanol ou gasolina? Carros maiores ou menores? Dar carona ou utilizar transporte público? Ambientes projetados para o melhor aproveitamento da luz natural ou para atender a uma estética?

O uso que fazemos da energia em seus mais diferentes tipos de manifestações e fontes precisa estar em nosso radar e percepção. Precisamos fazer perguntas não para nos sair bem em uma prova, mas sim para ajustar nossa sensibilidade e refinar nossa conduta para os tempos que estamos vivendo.

ANIMAL CATIVO NÃO É EDUCATIVO

Manter animais não humanos em cativeiro para exposição, seja em jaulas, gaiolas ou cercados, é uma prática antiga, seja como coleção de reis, por curiosidade, pesquisa ou entretenimento. Os zoológicos humanos ou “exposições etnológicas” foram práticas bem disseminadas na Europa, sendo uma das últimas ocorrida em 1958 em Bruxelas, quando uma família de um vilarejo do Congo foi exposta em uma jaula.

Hoje tal prática nos causa espanto e indignação, o mesmo não acontece com os animais não humanos. O filósofo alemão Hans Jonas escreveu, em seu livro “O princípio responsabilidade”, que toda ética tradicional é antropocêntrica. De fato, no caso dos outros seres, não estendemos a eles o agir ético e muito menos nosso raio de compaixão.

Ter centros que acolham animais vítimas de abandono, tráfico ou exploração é louvável e bem-vindo. Pessoas que fazem esse trabalho merecem todo o nosso respeito e gratidão. Isso não é o mesmo que ter os animais para nosso entretenimento. Não precisamos enjaular um esquimó ou um aborígine para saber como eles são ou muito menos conhecer sobre sua cultura. A mesma lógica deveria valer para os animais. É um luxo fútil e desnecessário aprisioná-los ou retirá-los de seu habitat natural. Tão logo recuperado da razão que o levou ao centro, deveria retornar para o seu meio.

As crianças devem aprender desde cedo a respeitar e admirar as outras espécies em suas diferentes linguagens, grandeza, modo de organização social e potencialidades. Observando as espécies próximas de si ou vendo imagens disponíveis em milhares de sites, vídeos e filmes, é possível conhecer sem a necessidade de aprisioná-las ou ter a sua posse. Jaulas vazias e não jaulas mais espaçosas, já nos dizia Tom Regan.

RECUSAR E REAPROVEITAR

Imagine você em um espaço com todos os seus objetos: da escova de dentes ao ferro de passar roupas, tudo aquilo que você tem guardado e que de certa forma diz: "é meu!" Façamos o mesmo exercício na perspectiva de um caçador coletor que andava alguns quilômetros por dia e não podia arrastar muita coisa consigo. Carregar significava mais peso, que, por sua vez, significava menos agilidade ao locomover-se. Ficava apenas o essencial. No século XXI somos todos, em alguma medida, colecionadores e acumuladores. O consumir, momentaneamente, nos dá prazer. Ter algo novo, mesmo que por algumas horas, nos distrai e acalma.

As antigas "pastas" escolares deram espaços para as mochilas e agora para malas com rodinhas. Uma criança de 8 anos, indo para a escola, carrega muitos quilos. Será necessário tudo aquilo? De onde vem o comando de que precisa ser assim? De um ano para o outro, há o dia mágico da "compra de material escolar", quando tudo, tudo mesmo é comprado novamente. Será que não havia nada para ser reaproveitado? A bolsinha de lápis ou as caixas de canetinhas ainda não podem nos servir? E as mochilas, as blusas, os tênis?

Talvez a cultura do recusar, que compreende ensinar a pensar e a dizer: "eu não preciso", "eu já tenho" e "o meu ainda serve", seja um dos ensinamentos mais urgentes e necessários para o século XXI. A escola também tem seu "para casa": o que é possível reaproveitar e não solicitar novas compras? O que é possível suprimir ou dispensar? Nossos processos pedagógicos requerem pessoas capacitadas naquilo que fazem e não objetos. As escolas precisam de espaços limpos, esteticamente agradáveis de se ver e de estar. Estamos carentes de mais leveza, de mais inteireza e de mais silêncio. Sobram-nos maquiagem, peso, poluição visual e auditiva. Esse caminho não requer consumo, mas sim boas escolhas, bons argumentos e propostas convincentes. Temos muito mais coisas, objetos e programas aguardando nossa recusa.

ÁRVORES

A árvore é um símbolo da Natureza, talvez a imagem que mais associamos ao que ela tem de bom e daquilo que a ameaça. Onde ela existe em abundância, há interferência no microclima da região. Onde ela falta, o cenário é de aridez e secura.

E nas escolas? Onde está a Sra. Árvore? Terra dá poeira, cai folha, dá titica de passarinho e suja!, reclama quem limpa. O metro quadrado é caro, árvore ocupa espaço!, argumenta o gestor que logo enxerga a possibilidade de mais salas e quadra. Essa fileira de árvores daria para mais um metro na vida pública, advoga o secretário de obras.

A praticidade pede, ou quase impõe, que cubramos tudo com cimento, chegando bem próximo do tronco das árvores que perde o seu respiro. Muitas vezes, apenas dois palmos de terra no seu entorno para aquelas sortudas que permaneceram em pé. Esse é o mesmo pensamento do vizinho ao lado e do da esquina e, assim, toda a cidade pensa da mesma forma: eliminam-se suas árvores.

Vêm as chuvas e, com elas, as enxurradas. Vem o verão e, com ele, o sol escaldante. Não enxergamos, mas alteramos o ciclo dos ventos e das chuvas. A impermeabilização de todo pedaço de chão não dá chances de a água ser absorvida pela terra. Ela cai com a chuva e começa a correr atrás de um canto que a absorva. Nada, somente o bueiro. Tanta água misturada com os plásticos, latinhas, papel e aquilo vira uma grande tragédia. É o rio que tudo arrasta! É a prefeitura que não tomou providências? Pode ser que sim, mas somos todos nós que não entendemos a forma como a Natureza se organiza.

O que há em nossas escolas? Jardins artificiais? As crianças têm algum contato com a grama e podem pisar no chão? Lidam com horta? Haveria possibilidade de se plantarem árvores? Se não, podemos contribuir e reflorestar alguma área do entorno da escola? Conversar com os vizinhos e tentar cuidar melhor das árvores que existem e plantar mais? Se cada escola, ao menos uma vez ao ano, com uma série ou turma, incluísse o plantio de mudas de árvores, já faria uma grande diferença. Esse simples gesto desperta o senso de cuidado na criança e no jovem; se um dia, sendo diretor, gestor, dono de uma casa ou funcionário da prefeitura, enxergará em todas as árvores, a árvore de sua infância.

O MUNDO DO PAPELZINHO

“Lá está ele, pequenino, perdido em algum canto da bolsa, da mochila ou no chão. Aparas de papel recortado antes de serem coladas no caderno, bula de remédio, notinha fiscal da farmácia. Um mundo de papeizinhos sem destino, sem volume, imprestáveis!

Um dia, em sua casa, a professora resolveu concentrá-los em um mesmo pacote de pão. Com essa estratégia, os pequenos papéis mudaram de status e conseguiram, sem se perderem, chegar até o bag coletor e dali seguirem para a reciclagem como papel misto. Grande avanço!

A professora levou a ideia para a escola e os estudantes aderiram. Colocaram um saquinho preso na parede das salas de aula e dos setores administrativos. Ficava discreto, escondidinho, perto da lixeira. Todo papelzinho ia para lá. No final do dia, ao reunir os saquinhos de todas as salas, constataram que os papeizinhos eram muitos! Uma coisa era certa: tão pequeninos que eram, só ganhavam força se estivessem juntos!

A catadora de papel viu seu trabalho facilitado; as salas ficaram mais limpas e os papeizinhos ganharam a destinação correta e valor!”

Esta é uma história real que retrata como uma escola deu uma solução simples para o papel pequeno que se perdia nos grandes bags coletores ou eram ignorados por não fazerem volume. Essa ideia se estendeu para os pequenos plásticos. O que mais pode ser feito? O isopor? 100% plástico, porém sem indústria que o trate. Evite comprar. A escola pode fazer uma campanha de conscientização do supermercado e sacolões do seu entorno para que não utilizem. Aqueles que ainda existirem devem ser guardados e entregues para vendedores de feiras ou de associações de agricultores familiares para que sejam reaproveitados.

O óleo também pode ter na escola um ponto de coleta, tanto para a cantina, copa, como para a comunidade educativa. Hoje há meios de acomodá-lo sem que o ambiente fique sujo. São muitas as possibilidades disponíveis como meio de educar e de ecoalfabetizar.

CONSUMISMO

Houve um tempo em que a roupa, o sapato, a televisão, o vestido, o carro e todos os objetos ficavam velhos. Até os animais envelheciam. As avós envelheciam. Após um longo período de vida cumprindo a função que lhes cabia, roupas e sapatos eram passados para o irmão mais novo ou para outra pessoa mais necessitada e, aí, havia todo o ritual da compra do novo.

As pessoas se bastavam com os afazeres da vida, visitando, papeando na rua, fazendo planos, cozinhando. Tudo era demorado e não havia tantas facilidades e nem para quem delegar o serviço.

Até que descobriram que consumir é o motor que roda a economia. Precisamos consumir para gerar empregos. Consumir virou valor, algo desejável, quase uma virtude. Começamos a comprar cinco pares de tênis quando um era o suficiente. Essa lógica passou a valer para tudo na vida. Trocar tudo pelo de última geração, mesmo essa “geração” durando um ano no máximo!

Para acelerar ainda mais, inventaram um nome - obsolescência programada! Intencionalmente os produtos estão sendo criados e produzidos para terem vida curta e, assim, sermos obrigados a trocar mais rápido. Desaparece de cena aquela pessoa que consertava. Não existe mais conserto, joga-se fora todo o aparelho.

Nossa demanda por produtos de origem animal se estendeu a eles, as outras espécies, a velocidade da indústria. Em nossas mãos, viraram objetos de que retiramos tudo, no menor tempo possível e logo repomos. Precisamos consumi-los. Nunca devoramos tanto!

A sobriedade é uma das virtudes mais difíceis de se ensinar. No senso comum significa menos vida, sinal de pobreza. Ao contrário, Papa Francisco diz que a sobriedade vivida livremente é libertadora. Bernardo Toro também escreveu que não devemos confundir importante com vistoso.

Consumir sem freios em um processo linear que retira recursos da natureza, usa e joga no lixo, tem levado a humanidade a uma de suas maiores crises. A Terra, nossa Casa Comum, precisa de um respiro, de um tempo para se refazer de tanta espoliação e maus-tratos. Precisamos reinventar a economia, precisamos nos reencontrar no meio de tantos objetos, pois o tempo de desacelerar e de declinar já chegou.

ANEXO III



Dom Walmor Oliveira de Azevedo
ARCEBISPO METROPOLITANO DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte, 03 de julho de 2020

À Ilm^ª

Prof^ª Aleluia Heringer Lisboa Teixeira

Saúde e Paz!

Agradecido por sua anuência prévia, oficializo o convite para colaborar conosco, por sua competência profissional e sentido de solidariedade, compondo, na condição de membro, o **“Comitê Arquidiocesano sobre Águas - COMAGUAS”**, com prerrogativas e tarefas próprias, conforme consta no Decreto de sua criação, de 01 de julho de 2020, tendo por inspiração e compromisso o rico e interpelante horizonte da Carta Encíclica *Laudato Si*, Papa Francisco, de 24 de maio de 2015, e, assim, como Arquidiocese de Belo Horizonte, ajudar a implantar uma nova relação dos seres humanos com a Casa Comum.

Espero e preciso contar com a sua preciosa e competente colaboração.

Recebida sua anuência a este convite, será agendada a data de instalação do referido “Comitê Arquidiocesano sobre Águas”.

Antecipo agradecimentos, com votos, em preces, pelo seu bem, em Cristo Jesus,


Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte



"O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa Casa Comum."

Papa Francisco

